

A gramática das coisas significantes para imigrantes brasileiros na Irlanda

Igor José de Renó Machado¹

Doutor em Ciências Sociais/Universidade Federal de São Carlos

<https://orcid.org/0000-0001-7811-2641>

igor@ufscar.br

Introdução

Esse artigo trata de pensar sobre mercadorias vendidas para imigrantes brasileiros na Irlanda, tentando entendê-las como “coisas”, num sentido ingoldiano (Ingold, 2012), ou seja, como produtoras de relações, existências e ainda outras coisas, todas colocadas em uma teia de produção de sentido para os imigrantes. Os dados para essa empreitada derivam de trabalho de campo realizado entre imigrantes ao longo do primeiro semestre de 2022.²

Ao fazer meu trabalho de campo, na Irlanda, entre imigrantes brasileiros, me vi numa situação específica: meu principal meio de conhecer e entender a experiência dos imigrantes se deu com um amigo/informante/colaborador brasileiro que se dispôs a me ajudar. Romário³ tem uma Van. Nessa van há prateleiras com produtos de supermercados brasileiros (que ele compra de importadores brasileiros na Irlanda) e também um freezer, que ele abastece com carnes com cortes brasileiros e outros produtos que precisam de refrigeração (especialmente queijos). Toda semana, às terças-feiras, ele sai com a van pela Irlanda, em circuitos mais ou menos preestabelecidos. Essas viagens duram até sábado. Romário tem uma lista de clientes em cidades diferentes e, à medida que se aproxima

1 Agradeço à FAPESP, que financiou a pesquisa que deu origem a este artigo científico: processo 2020/03242-9.

2 Neste trabalho, dado o foco nos produtos consumidos pelos imigrantes, não apresento uma discussão geral sobre a imigração brasileira e brasileiros na Irlanda. Para uma discussão sobre a história da imigração brasileira na Irlanda, ver, entre outros, Maher e Cawley (2016); Marrow (2013); Maher e Cawley (2015); Sheringham (2009); McGrath e Murray (2009). Para um cenário mais recente, ver, entre outros Machado (2023c) e Silva (2016; 2018).

3 Todos os nomes citados são fictícios.

delas, dispara mensagens de whatsapp avisando que passará por lá. As respostas o levam a parar em várias casas ao longo da viagem.

A minha etnografia foi, assim, móvel, mas centrada nessa relação com Romário. Móvel por um lado, mas muito imóvel por outra: se pensarmos na Van como um escritório, é como se eu estivesse sempre no mesmo lugar, mesmo que o mundo ao redor se modificasse o tempo todo. Nesse artigo pretendo apresentar uma análise dos produtos que estavam à venda na Van, dando uma ideia do que o conjunto aparentemente heteróclito de coisas diz sobre a imigração brasileira na Irlanda.

1. Coisas e mercadorias

Ainda no final do século passado, Appadurai (1988) destacava a importância de entender o movimento das coisas (no caso, mercadorias) em seus contextos sociais e humanos. Os regimes de valores particulares de cada sociedade contariam histórias relativas aos seus objetos-coisas no circuito flutuante de uma mercadoria. Ao mesmo tempo, algumas mercadorias em específico podem, segundo regras culturais particulares, ganhar mais peso político e serem manipuladas em contextos determinados. Ele estava pensando em bens para os quais o Estado, ou classes dominantes, podem reservar o uso como sinal de exclusividade e distinção (como o caso de códigos de vestimenta medievais, que especificavam determinadas roupas e tecidos como exclusivos da realeza).

Mas nem só de poder se faz a vida social das mercadorias. Alguns itens específicos podem ganhar vida social em contextos muito particulares, como é o caso das migrações. O consumo do imigrante brasileiro na Irlanda seleciona alguns itens que ganham um valor que vai muito além de sua escala usual no mercado de consumo brasileiro. Como discutia Sahlins (2003), as mercadorias são um lugar importante para os sistemas culturais, e não seria diferente em processos migratórios. Nestes contextos, especificamente, o consumo assume também uma faceta de posicionamento cultural, uma espécie de narrativa de diferencialidade (Machado, 2011a) por meio das mercadorias.

Seguindo os *insights* de Ingold (Ingold, 2012), com sua teoria das “coisas”, essas mercadorias que chamamos de objetos são, na verdade, um fluxo de matéria que constitui uma malha de relações e fios vitais. Ou seja, pessoas e coisas materiais são processos, que estão em movimento e se transformam mutuamente. Seguir esse fluxo da matéria + relações é entender dimensões fundamentais da vida social, isto é, entender o entrelaçamento das linhas (Ingold, 2007) que constituem as experiências de vida de imigrantes brasileiros na Irlanda. A produção de algumas coisas-mercadoria (para ficar com o termo “coisas” de Ingold) no contexto migratório é evidência de formas específicas de viver e se relacionar com a própria memória cultural.

A reinvenção de alguns itens de consumo produz coisas em novas teias de entrelaçamento que nos dizem algo sobre a vida de imigrantes brasileiros na Irlanda, algo sobre como se veem, como se relacionam e como esses itens de consumo (coisas) ganham uma vida a partir desses entrelaçamentos. A diferença produzida por esses imigrantes encontra em alguns objetos uma expressão coletiva na Irlanda, para além das diferenças intensas que são produzidas *entre* os imigrantes, conforme sua posição de classe, gênero, raça e situação documental no contexto de migração.⁴ Mas neste artigo quero dizer que algumas coisas ultrapassam essas diferenças e constituem uma linguagem comum entre os diversos brasileiros na Irlanda.

Essa linguagem e experiência comum é construída com as coisas que compram por conta dessa memória cultural imigrante. Nesse sentido, a Van de Romário – que atravessa o país em busca de brasileiros que querem consumir itens “brasileiros” que não se encontram na Irlanda – é uma espécie de agulha a costurar alguma experiência comum entre os vários imigrantes brasileiros e suas intensas diferenças. Uma espécie de máquina de comutação das diferenças em coisas significantes que passam por cima dessas diferenças, constituindo uma linguagem comum, que se dá pelo uso e recurso a essas coisas quase mágicas, que assumem um ar de brasilidade que nunca tiveram quando no Brasil.

A Van é assim, também, um espaço de equalização de diferenças entre os imigrantes, onde pessoas em melhor e pior situação se encontram em um espaço comum de diálogo. Esse diálogo se dá *sobre* e *com* as coisas que são vendidas na Van: objetos (coisas) de consumo que modulam um tipo de experiência que atravessa diferenças de todas as ordens. Aqui vamos passar por algumas dessas mercadorias e aprender um pouco dessa linguagem das coisas, o que ela nos diz sobre a experiência de migração e sobre esse “mínimo comum” entre imigrantes brasileiros. Cada coisa constitui uma malha com outras e o conjunto delas é uma expressão dessa experiência. Assim, adentrar essa linguagem por partes é uma estratégia, desde que, ao fim, a pensemos como uma malha, onde um significante só faz sentido em relação a uma estrutura geral de significantes-coisas. Cabe aqui uma análise dessas coisas a partir de significados que são atribuídos (mesmo que não consensualmente).

Esses objetos não são um tipo de mercadoria que concentraria, a princípio, mensagens sociais críticas, como algumas outras parecem fazer (como é o caso das armas de fogo, por exemplo).⁵ Mas eles tornam-se críticos, no sentido de acumularem importância, destaque e centralidade na experiência migratória, o que nos permite explorá-los como

4 Sobre essas diferenças, ver Machado (2023b; 2023c).

5 Ver Machado (2023).

uma forma de pensar os deslocamentos, aproveitando a característica específica do meu trabalho de campo, viajando pela Irlanda com essa Van de mercadorias-coisas brasileiras (ou com valor por serem similares às coisas brasileiras).

Kopytoff (1986) afirma que, em suas biografias, as coisas podem adquirir várias funções e especificamente enquanto mercadorias elas podem entrar e sair de circulação, deixarem de ser mercadorias, voltarem a ser depois de muito tempo etc. Pretendo aqui acompanhar uma biografia das coisas a partir de um contexto muito específico, para pensar em ideias a uma antropologia dos brasileiros na Irlanda atualmente. Henare, Holbraad e Wastell (2007) pretendem oferecer um novo método etnográfico ao pensar sobre “coisas”. Seguindo um caminho que chamam de revolução silenciosa, produzem uma reflexão sobre os objetos que deriva de uma série de desenvolvimentos do pensamento antropológico nos últimos anos, reunidos no rótulo “ontológico.” Buscando fugir das práticas habituais analíticas, interpretativas, propõem o que chamam de “essencialismo radical” (2007: 2), onde as coisas significam em si mesmas. A ideia de que isso é também um método tem a ver com o fato de propor que tomemos as coisas como elas aparecem em campo, para daí tentar produzir análises inventivas no sentido wagneriano do termo (Wagner 1981). “Coisas (...) são conceitos tanto quanto aparecem para nós como entidades ‘materiais’ ou ‘físicas’” (Henare et al 2007, p.13, tradução livre).

Embora as questões de método e teoria possam ser debatidas, resta ainda, da perspectiva dos autores, uma forte possibilidade que pretendo aqui aproveitar, somando-se às perspectivas mais tradicionais de Appadurai e Kopytoff e a alternativa mais dinâmica de Ingold. Trata-se da ideia de que é possível, através das coisas, dizer algo de relevante sobre determinados contextos, na medida em que coisas são descritas, vividas e faladas nos termos nativos, ou em como existem nas gramáticas nativas de entendimento e conhecimento. Essas gramáticas muitas vezes são ignoradas pelos pesquisadores, incapazes de superar suas próprias categorias objetivas das coisas, digamos. E esse processo produz novas formas de entender coisas, criando novos conceitos nos nossos termos analíticos. Com isso quero dizer que as coisas que aparecem aqui como “relevantes” embora sejam absolutamente corriqueiras para brasileiros no Brasil, não são as mesmas coisas: na experiência migratória elas ganham outra dimensão e é preciso apreendê-las nesse outro sistema de linguagem. É preciso vê-las com os olhos dos imigrantes.

Quero demonstrar que na mesma trajetória de uma coisa-mercadoria ela pode ser coisas diferentes e também, ao mesmo tempo, produzir ao seu redor outras formas ainda de ser “coisa”. Nessas transformações temos uma mudança estrutural de ontologias locais, culturas de migração, identidades pessoais, diferencialidades específicas etc. Quaisquer

que sejam os nomes que utilizemos, quaisquer conceitos de diferença que articulemos, trata-se de pensar algumas similaridades num mar de microdiferenças migrantes, mas que significam analisar conjuntos diferentes de produção de símbolos (diferentes gramáticas culturais, culturas, ontologias, identidades, diferencialidades etc.).⁶

2. Coisas da Van

Para economia do texto, vou dividir a análise dos bens comprados e usados pelos imigrantes brasileiros na Irlanda em dois grupos, aqueles relativos ao que poderíamos chamar de “tecnologias”, ou seja, aparatos não comestíveis que adquirem um valor sentimental e denso para os imigrantes e os que podemos agrupar sob o nome “comestíveis”, que seriam todas aquelas coisas que podem ser comidas ou bebidas. Todas essas coisas constituem uma única tecitura de significados, não importando exatamente se são comestíveis ou não. Construo essa separação por conta de sua situação dentro da Van ser diferente: os produtos que destaco como tecnologias são mais valorizados, mesmo que alguns não estejam visíveis. Eles estão em suas caixas, mas os imigrantes sabem que eles estão lá. Os comestíveis, por sua vez, são o que poderíamos chamar de “itens comuns”. Assim, também poderíamos separar as coisas em comuns e especiais, eventualmente. Mas destaco a diferença entre tecnologias e comestíveis por considerar que os próprios imigrantes fazem essa separação e sabem que as coisas não comestíveis serão mais caras e, eventualmente, necessitarão de uma encomenda expressa.

A Van é um automóvel utilitário, com uma grande área de carga, que no caso de Romário é dividida em duas partes. Uma delas abre-se pela traseira e é preenchida por quatro estantes que seguem todo o perímetro do espaço, fazendo um “U”. Assim, quando um cliente entra na parte traseira da Van, ele encontra-se num pequeno corredor, rodeado pelas estantes, abarrotadas de produtos variados, embora dispostos numa lógica específica, da qual falaremos mais adiante. Abaixo das estantes há caixas com produtos ainda embalados, no que poderíamos chamar de “estoque”. Entre as estantes, há itens pendurados, para melhorar a visualização.

6 Antes de passarmos às coisas propriamente ditas, vale dizer que essas mercadorias poderiam ser analisadas nos termos do que convencionalmente se chama de “mercado étnico” (Schrover, Van der Leun, e Quispel 2007; Kloosterman e Rath 2001; Light et al. 1993; Portes e Jensen 1989; Machado 2011a, entre muitos outros). Entretanto, esses trabalhos em geral analisam uma perspectiva mais sociológica dos mercados étnicos (seu funcionamento, suas relações com as cidades, as condições para se poder pensar em “mercado étnico” etc.). Essas concepções poderiam ser o objeto de reflexão a partir dos dados da etnografia, entretanto, nesse texto nos afastamos dessa perspectiva para olhar exclusivamente para as mercadorias e seus potenciais de relação e produção de actantes (Woolgar e Latour 1997).

Essa personalização da Van foi realizada diretamente por Romário e alguns parentes, que compraram as madeiras, mediram, modelaram, construíram e instalaram as estantes. No meio da Van, entre a parte das estantes e a cabine de direção, há uma parte que tem uma porta lateral, onde se encontra o freezer para os produtos que necessitam de refrigeração (como carnes e queijos). Esse espaço serve também como depósito de mercadorias e dos objetos que adaptam a cabine de direção em uma cama. O freezer exigiu uma instalação especial do sistema elétrico, realizada numa loja especializada.

A Van torna-se, quando estacionada, num pequeno supermercado, abarrotado de coisas brasileiras. Para conseguir as coisas das quais falaremos a seguir, Romário as compra num esquema de crédito de uma distribuidora que importa os produtos em contêineres que chegam por navio. Essa empresa, não por acaso, encontra-se em Gort, pequena cidade da Irlanda famosa por ser a mais brasileira das pequenas cidades irlandesas (Healy, 2006; Sheringham, 2009, 2010). Essa empresa surgiu justamente dessa demanda da comunidade brasileira por bens brasileiros, configurando um tipo de “economia étnica” (Machado 2011b). Com o avanço e espalhamento da migração brasileira por toda a Irlanda – há brasileiros em todas as partes do país – essa empresa começou a operar como distribuidora de bens para revendedores, a maioria deles com lojas físicas instaladas onde há demanda.



Figura 1. Vista da parte traseira da Van.
Foto do autor.

2.1 Tecnologias não consumíveis

Filtros de barro

A primeira coisa que me chamou a atenção foi a importância que os filtros de barro têm para os imigrantes. É constante que haja a necessidade de limpar a água, ou ainda mais destacadamente, a necessidade de deixá-la *fresca*. Num lugar habitualmente frio, a água costuma ser fria quando sai das torneiras. Mas esse frio não é equivalente a essa categoria de “*frescor*”. A água fresca é uma necessidade imigrante, que precisa do filtro de barro para se concretizar.

O filtro é relativamente caro e exige um certo investimento, o que produz uma necessária relação com Romário: uma discussão sobre o preço e formas de pagamento, sobre disponibilidade e sobre a qualidade do filtro. Ele custava 100 euros e usava três velas que custavam 10 euros cada uma. Em geral, Romário tem sempre um filtro na Van, que fica numa estante (em geral a segunda de baixo para cima), bem na dobra entre a estante da direita e a do fundo (pela perspectiva de quem entra pelo fundo da Van). É um lugar privilegiado. Os cantos são lugares privilegiados e especialmente bons para as coisas não comestíveis, já que a visualização é mais difícil por conta da esquina, mas as embalagens um pouco maiores dessas coisas as destacam dos alimentos ao redor.

Presenciei a venda de alguns desses filtros e também vendas perdidas por que o filtro já havia sido negociado. Nesse caso, havia encomendas para a próxima passagem da Van. Mas ainda assim, Romário não carregava mais de um, pois não erra incomum que a trepidação da Van causasse trincos no Filtro, resultando em prejuízo. Apenas um estava sempre na Van, embalado com cuidado, numa tentativa de proteção. Esses filtros eram importados pela distribuidora em Gort e revendidos por todo o país. Além disso, as velas filtrantes eram também vendidas separadamente, e havia um tanto delas na Van. Era comum a compra da vela para renovar a capacidade de filtragem do filtro de barro.

O filtro de barro diz algo sobre a experiência brasileira na Irlanda e diz sobre a corporalidade sentida e narrada.⁷ Na Irlanda, a água potável encontra-se apenas na torneira da pia, passando por um dispositivo filtrante usual. Mas essa água tem um nível de calcário maior que o comum no Brasil e, segundo os imigrantes, é uma água ruim, à

7 Ao longo desse artigo usarei muitas vezes a palavra “corpo” e derivados. Um dos efeitos do consumo dos bens que são objeto do texto é a produção de um corpo imigrante. Entretanto, não avançarei numa discussão sobre esse corpo como um objeto de reflexão, já que essa perspectiva será desenvolvida em outro artigo e não haveria espaço aqui para uma análise eficiente sobre o tema. Para as intenções deste texto basta dizer que encaro o corpo etnograficamente, ou seja, não a partir de teorias gerais que o definem (como podemos ver na resenha de Vale de Almeida (2004) sobre o tema), mas a partir das teorias nativas de produção, reprodução e reconstrução do corpo, como em Turner (2011). Para uma discussão específica sobre corpos imigrantes, ver Ennes (2020).

qual o corpo dos brasileiros não está habituado. Ela traria problemas digestivos. Assim, o filtro de barro brasileiro transformaria a água irlandesa numa água adequada para o consumo dos corpos brasileiros. Essa água, que os próprios irlandeses chamam de “hard water”, não seria *adequada* ao corpo brasileiro. Assim, por trás do filtro há uma concepção de corpo que estabelece diferenças entre corpos brasileiros e irlandeses, delimitando contrastes marcantes.

O filtro é, nesse cenário, *um dispositivo de cura*, potencialmente mágico, que protege o corpo brasileiro da água não adaptada ao seu corpo. O contraste é importante, já que do ponto de vista Irlandês, a “hard water” traz mais benefícios à saúde que o contrário⁸. Assim, a mesma água causa benefícios a certos corpos e malefícios a outros. O filtro de barro é um operador, assim, de uma perspectiva sobre o corpo brasileiro, um adequador do inadequado (hard water) ao adequado (água fresca). Note-se que tecnicamente os filtros de barro não tem por função filtrar calcário da água, mesmo que um pouco desse mineral seja retido pelo sistema filtrante. Em geral a água que passa pela vela do filtro continua com altos graus de calcário. O filtro, portanto, entra mais como um operador mágico do que como uma tecnologia de transformação da hard water em água fresca. O filtro é um transformador simbólico dessa água, atendendo às concepções de corpo brasileiras.

Esses filtros são importantes em casas de imigrantes pobres, de classe média e ricos. Segundo Romário, todos preferem a água fresca, mesmo que no Brasil não fizessem recurso aos filtros de barro: para muitos, é apenas na experiência migratória que o filtro passa a fazer diferença e que uma ideia de “água fresca” ganha relevância.

Alicates de unha

Outra coisa de destaque na Van são os alicates de unha. Eles encontram-se na prateleira mais alta, no fundo da Van. Quem entra no estreito corredor terá, ao nível dos olhos, um encontro com os alicates de unha, pendurados atrás dos comestíveis à mostra. Eles são sempre cobiçados, especialmente pelas imigrantes mulheres. Era muito comum que elas passassem os olhos pelas coisas da Van e, quando paravam o olhar nos alicates, deixassem escapar suspiros. Seguidos de frases como “preciso de um deles”. Imediatamente perguntava-se o preço, que era caro: 15 euros.

Considerando que os alicates de unha irlandeses são exatamente iguais aos brasileiros e custam cerca de 5 euros, me intrigava o porquê da necessidade dos alicates brasileiros. Mas afinal, qual era a diferença? A resposta era sempre a mesma: os cortadores irlandeses não prestavam. Quebravam facilmente e não eram tão *afiados*. O alicate de unha

8 Conferir <https://www.water.ie/help/water-quality/hard-water/>

brasileiro era adequado às necessidades das imigrantes brasileiras de uma forma que o irlandês não era. Especialmente a ideia que era mais afiado levava a um imaginário de mais efetividade no corte. Uma espécie de relação usual com esse perigo representado pelas pontas mais afiadas era também uma narrativa sobre o corpo, especialmente o corpo feminino, como se a manutenção de uma beleza tipicamente brasileira exigisse um grau de risco que as irlandesas não estavam dispostas a correr (no que se refere às unhas, evidentemente).

Assim, o alicate de unhas trazia um desejo de um perigo natural e necessário para modelar aspectos importantes do corpo feminino imigrante. O alicate é também um discurso sobre diferenças corporais que atravessa as múltiplas experiências brasileiras na Irlanda, pois tanto imigrantes mais ricas como mais pobres exprimiam a mesma necessidade de possuir alicates de unha brasileiros. Trata-se de uma narrativa sobre o corpo brasileiro e um contraste em relação ao corpo feminino irlandês: cutícula brasileira precisa de um alicate brasileiro.

Enxada

Difícilmente imaginaríamos que uma Van com produtos cobiçados por imigrantes brasileiros carregaria uma enxada como objeto de desejo. Mas ela estava lá, colocada na segunda estante, à esquerda, na esquina com o fundo da Van. A parte de metal, a cabeça da enxada estava lá, à vista. O cabo ficava separado, atrás dos itens expostos na segunda estante da esquerda. Observei uma venda desse produto e me surpreendi.

Por que, afinal, compram-se enxadas numa Van? Romário me explicou que os brasileiros queriam as enxadas brasileiras porque não encontravam similares no mercado irlandês, já que, na opinião desses imigrantes, “os irlandeses mexem diferente na terra”. Assim, seus instrumentos seriam diferentes, mais talhados para movimentos laterais ou de empurrar a terra, e não o movimento típico de puxar a terra com a enxada (de frente para trás). Entretanto, se buscarmos por enxadas em lojas irlandesas, vamos encontrar exemplares muito equivalentes.

Na compra que assisti, o comprador dizia que precisava de uma enxada brasileira, que não havia similares na Irlanda, repetindo o que Romário me disse posteriormente. E esse imigrante já vivia na Irlanda havia mais de 10 anos e a ideia de que ele apenas não conhecia as enxadas irlandesas não era plausível. O mesmo argumento valia para Romário que, além de tudo, conhecia muito bem as lojas irlandesas em geral, como eu testemunhei várias vezes. Assim, a explicação deve estar em outro lugar. Esse comprador me dizia que os irlandeses tratavam a terra diferentemente e que não faziam os movimentos “certos”. Por

isso não tinham enxadas. A ideia geral é que para fazer os movimentos “certos” – aqueles que os brasileiros sabem fazer – era preciso uma enxada brasileira. Esse imigrante em particular vivia numa casa grande, longe do pequeno centro urbano mais próximo, onde administrava um posto de gasolina para um dono irlandês. O posto de trabalho gerava uma renda respeitável e a casa em que ele vivia era prova disso. Ela estava num enorme terreno, que para ser cultivado precisava de uma enxada brasileira.

Aparentemente, estamos aqui em mais uma configuração de distinções entre corpos brasileiros e irlandeses que se expressa por meio dessa coisa-ferramenta. O corpo brasileiro produz determinados movimentos, que o Irlandês não realiza, e para dar vazão a um jeito propriamente brasileiro de lidar com a terra, é preciso uma ferramenta brasileira, pensada para os movimentos específicos do corpo brasileiro. Não é possível afirmar se isso é efetivamente verdade, ou seja, se os movimentos são realmente distintos, mas o fato de existir essa ideia é suficiente para entendermos a necessidade da enxada como um discurso sobre o corpo brasileiro, supostamente mais adaptado a trabalhar a terra. É um discurso também sobre a capacidade de transformação do trabalho na terra em alimentos e, portanto, *de capacidade de nutrir e construir o corpo*. O tempo todo, nessa conversa, pairava a ideia de que o irlandês não era capaz de trabalhar a terra como o brasileiro.

Assim, a enxada é uma forma de transformação de terra em alimento propriamente brasileira, feita para o corpo brasileiro, que se movimenta adequadamente para produzir a própria comida e nutrição. É um índice, também, de ideias sobre o corpo irlandês, visto como incapaz do trabalho necessário, incapaz dos movimentos certos. Mas a enxada também atravessa outras fronteiras, pois parece indicar também uma distinção social, daqueles que tem uma moradia com área suficiente para fazer pequenas plantações. Marca-se uma diferença em relação aos brasileiros que dividem a casa com famílias diferentes em cada quarto e que, portanto, têm pouca ou nenhuma possibilidade de usar uma enxada no cotidiano. Curiosa inversão, na qual um instrumento de trabalho rural aparece como um sinal de distinção social.

Tecnologias para cozinhar

Uma das coisas mais valorizadas para os imigrantes é a panela de pressão, objeto que não encontram na Irlanda, essencial para fazer o feijão à moda brasileira. As panelas que Romário vende são de uma marca pouco conhecida e parecem ser leves demais, um tanto frágeis, mas são as que estão disponíveis. As panelas de pressão são um item incontornável nas cozinhas de imigrantes brasileiros na Irlanda. É provável que encontremos mais panelas que filtros de barro, já que esse último é muito caro. O feijão

cozido à brasileira é parte cotidiana da alimentação nas casas brasileiras e exige a panela de pressão, que acelera em muito o processo de cozimento.

Como uma coisa ingoldiana que vive suspensa numa teia de relações, a panela de pressão está enredada nas emoções relativas à memória da terra natal, à memória da própria família e à memória da alimentação mais familiar e confortável. Como o feijão é um nexos de memória incontornável nessas casas, o seu par estrutural, a panela de pressão, não pode faltar. A panela é um instrumento de constituição tanto do corpo como da memória, da imaginação e da definição de uma ontologia pessoal que é, estritamente, conectada a uma ontologia coletiva alimentar em grande parte do Brasil.

As tecnologias de produção de comida são mediadores da substância corporal e dos significados atrelados à ela, especialmente os constituídos como memória: memória de casa, memória de uma pessoa, memória de uma cidade, de um país. E também, na experiência irlandesa, memória da Van, onde se comprou aquele item tão fundamental para a produção de corpos e sentimentos ditos como propriamente brasileiros. A Van vai se tornando, assim, também memória, ela própria um grande artefato de coisas que ativam corpos e significados brasileiros, mesmo que esses corpos e significados sejam lidos e interpretados de formas muito diferentes pelos imigrantes e suas diferentes histórias de vida.

Como a panela de pressão, um item muito valorizado, mas talvez um tanto mais regionalizado é a cuzcuzeira. Ao se deparar com a cuzcuzeira na Van, sempre ouvimos o mesmo suspiro: “meu Deus, uma cuzcuzeira”. Esse item, efetivamente, não existe na Irlanda, onde o cuscuz vira um prato brasileiro. Como a panela de pressão, a cuzcuzeira é dispositivo de memória e de produção do corpo brasileiro (mesmo que a leitura desse corpo seja variada nas múltiplas diferenças da experiência migratória). Essas coisas operam a mesma potência de transformação e significado de especificidades que os variados brasileiros entendem e interpretam como indicadores coletivos de uma semelhança, que atravessa, por assim dizer, as diferenças de classe, raça, gênero e de situação documental na Irlanda.

Outro dispositivo desse tipo que, entretanto, Romário só colocava na Van mediante encomenda, pois era mais raro de vender, era um pequeno grill, uma mini-churrasqueira elétrica. Como um instrumento de churrasco para as casas e apartamentos pequenos, onde muitas pessoas moravam ao mesmo tempo, a mini-churrasqueira é um objeto importante, especialmente para homens imigrantes, mais ainda para aqueles que vêm de lugares com mais tradição churrasqueira que outros. Embora haja grelhadores elétricos no mercado irlandês, eles não satisfazem os brasileiros, ou por serem caros demais

ou por não serem pequenos o suficiente. Essa coisa têm a mesma função da panela de pressão e da cuscuzeira, como produtor de corpos, memória e significado. Mas há na churrasqueira também um discurso de gênero que acaba por contrastá-la com a panela de pressão e cuscuzeira: enquanto essas são mais femininas, aquela tem uma conotação mais marcadamente masculina. Especialmente importante para homens solteiros ou que estão desacompanhados na Irlanda, a mini-churrasqueira é um índice de um tipo de socialização associada a certos tipos de masculinidade performática (Costa, 2005).

Perfumes e cremes

Outro conjunto de itens que compõe essa gramática geral da Van é formado por perfumes, cremes, sabonetes variados, mas todos de uma mesma marca, tida como essencialmente brasileira. Esses itens ficam na terceira prateleira, à direita, bem próxima à porta traseira da Van. Estão numa caixa, à vista e sempre despertam interesse, especialmente de mulheres imigrantes. Eles correspondem a determinados cheiros e texturas que são tidos como únicos e faziam parte da vida de brasileiros no Brasil.

Testemunhei muitas pessoas se interessando vivamente pelos produtos de beleza e perfumes. Mas também observei muitas se decepcionando, já que o leque de produtos dessa empresa é muito grande, e o mostruário de vendas de Romário é limitado. Assim, muitos não achavam exatamente aquilo que costumavam usar no Brasil. Nesses casos, as vendas acabavam se restringindo aos sabonetes, que eram mais baratos e satisfaziam o desejo criado pela visão dos produtos. Em relação aos produtos de beleza, Romário enfrentava a concorrência de outras imigrantes que revendiam os produtos da marca, fazendo disso uma forma de vida. Mas essas revendedoras moravam onde os brasileiros se concentravam mais, lugares onde Romário não conseguia vender os produtos de beleza. Mas nos povoados onde o número de brasileiros era relativamente pequeno, ainda havia algum mercado. Cabe destacar aqui a identificação que esses produtos causavam entre imigrantes brasileiros, quase que como um conjunto de cheiros e texturas adequadas aos corpos, além do evidente caráter de dispositivo de memória que os cheiros possuem.

2.2 O que dizem as tecnologias não consumíveis presentes na Van

Esse conjunto heteróclito de dispositivos opera de forma muito similar, entretanto. Com suas especificidades desde o mais etéreo produtor de corpos corretos, como os perfumes e os seus cheiros certos, até o mais tectônico instrumento de produção alimentar adequado ao um corpo nacional, como as enxadas. Além disso, no meio, temos os instrumentos de transformação dos alimentos com base no vapor (panela de pressão

e cuscuzeira) e eletricidade (mini-churrasqueira) e, num espaço liminar, os alicates de unha, instrumento de correção do corpo e de produção de secreção, como o sangue e as próprias cutículas.

Como coisas sustentadas em redes de relações esses itens produzem no conjunto uma grande tecitura cujo teor é o próprio corpo brasileiro. Essas coisas (sempre no sentido ingoldiano) compõem um discurso sobre o que é e o que deve ser o corpo brasileiro e como ele deve ser reproduzido em uma condição adversa, que é a própria imigração. Ali, longe das coisas que no Brasil compunham um conjunto de tecnologias de produção do corpo, essas coisas dizem algo sobre como “sobreviver” ou “existir” numa experiência de vida onde tudo aquilo que compunha seu cotidiano não está mais à mão. Como um conjunto mínimo de coisas que são relevantes para manter a vida possível a partir de pressupostos relativos a imaginações de corpos, memórias e materialidades brasileiras, eles tratam de nutrir e produzir corpos, memórias e materialidades vistas como efetivamente brasileiras.

Como um conjunto de actantes, no sentido Latourniano do termo (Woolgar & Latour, 1997), essas coisas ganham uma dimensão simbólica que esbarra na magia, por um lado – pois são capazes de conversão, manutenção e proteção dos corpos brasileiros – e na agência, por outro – já que são atores efetivos desses processos de conversão e produção. Comutadores entre sistemas de coisas diferentes: numa vida onde as coisas não são aquelas que deveriam ser – todo o conjunto de coisas irlandesas nas quais os imigrantes estão imersos – alguns objetos/coisas ganham a capacidade de transformar esse conjunto estranho de coisas em outras mais familiares, efetuando uma passagem de um mundo de coisas hostis para um mundo de coisas domesticadas ao corpo brasileiro.

Numa outra forma de nomeação, poderíamos pensar nessas coisas como o que Povinelli (2016) chama de “existentes”. Do ponto de vista da autora – que questiona os limites entre vida e não vida, afirmando que o poder do capitalismo em determinar esses limites é uma forma de opressão para além do biopoder foucautiano – podemos ver organismos, substâncias e substâncias por outros ângulos e, certamente, sob uma economia simbólica brasileira, esses existentes estão agindo (como viventes) para a produção de uma realidade menos hostil aos imigrantes. Bennett (2010) defenderia que essas coisas, objetos, existentes formam uma “matéria vibrante”; que possuem vitalidade:

Por “vitalidade” entendo a capacidade das coisas - comestíveis, mercadorias, tempestades, metais - não só para impedir ou bloquear a vontade e os desígnios dos humanos, mas também para atuar como quase agentes ou forças com trajetórias, propensões ou tendências próprias (Bennett, 2010, p. VII, tradução livre).

Bennett pretende encarar esses actantes-coisas-existentes como detentores de agência num plano mais horizontal em relação aos humanos. Nesse sentido, podemos pensar esse conjunto de coisas como atores que operam, junto com os imigrantes, no sentido de produzir um ambiente de vida adequado para os brasileiros: eles comutam magicamente o diverso e muitas vezes hostil mundo irlandês num mundo adequado, mesmo que minimamente, à produção de vida dos brasileiros. São, assim, aliados na produção de uma situação não hostil, comutadores em forma de coisa.

E esses existentes seguem uma lógica específica, expressa na forma em que são expostos na Van.

Considere esse desenho como uma vista de cima de cada uma das prateleiras. Com a abertura da “ferradura” como sendo o lugar das portas traseiras da Van, por onde entram as pessoas e o lado contrário estaria próximo à cabine da Van. Assim, formalmente, pensando na configuração da Van, a entrada para os clientes estaria no fundo (e a cabine, na frente). Mas do ponto de vista do imigrante, tudo se inverte, afinal ele entra pelo fundo da Van, que passa a ser uma “frente”.

Assim, pra quem entra, o fundo é a frente da Van. Isso é importante, já que a prateleira do fundo para quem entra acaba tendo um estatuto ambíguo, enquanto a da direita ganha uma conotação de certa forma oposta à da esquerda. É como se, ao organizar as prateleiras com essas coisas que, como vimos, são muito mais que mercadorias-objeto, fosse necessário ordená-las conforme suas especificidades e potências como “existentes”. A disposição segue uma certa ordem simbólica relativa ao lugar e ao papel de cada um desses existentes/actantes/coisas. As malhas de relações tecidas em torno desses existentes geram uma necessidade de ordenação complexa, tomada a partir do que faz cada uma dessas coisas.

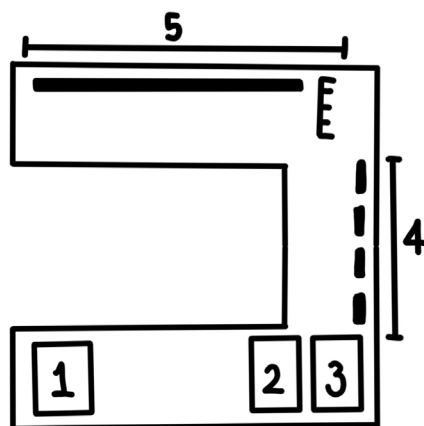


Figura 2. Vista superior da estante e distribuição dos itens.
Elaborado pelo autor.

No desenho acima, olhando para uma prateleira, vemos a disposição dos existentes (aqui não considerando a altura da prateleira, apenas a disposição em cada uma delas como um todo). O número (1) representa o lugar onde estão os produtos de beleza. O número (2) onde estão as panelas de transformação da comida por vapor (panela de pressão e cuscuzeira). O número (3) é onde fica o filtro de barro. Ao fundo, mas em geral embaixo das prateleiras, fica a mini-churrasqueira. Na prateleira dos fundos, por toda sua extensão, estão pendurados os alicates de unha (4). E, por fim, ao lado esquerdo (5) está a enxada, com o cabo atrás dos itens dessa prateleira e, na esquina entre o fundo e o lado esquerdo, encontra-se a cabeça da enxada, separada do cabo.

Assim, no movimento que vai da direita para a esquerda de quem entra na Van, temos uma transição dos elementos mais aéreos e etéreos (perfumes, cheiros) de transformação e produção dos corpos, seguidos dos transformadores à vapor (panelas), passando pelo elemento de transformação aquático (filtro). Eles estão à direita, nessa ordem. Indicam um movimento lógico nessa paisagem de comutação que os existentes representam. Do mais etéreo para o menos etéreo. Até uma passagem para o lado direito, onde o elemento mais tectônico, relacionado à terra e à transformação do solo se coloca (a enxada). Entre os dois lados, temos o fundo, num espaço liminar, no qual o comutador é aquele transformador do corpo que produz fragmentos e secreções (cutículas cortadas e sangue), um comutador potencialmente perigoso.

Se fôssemos produzir um quadro estrutural dessa disposição dos existentes em relação às potências de ação (pois é disso que se trata), teríamos uma transição de uma perspectiva positivada (a prateleira da direita para quem entra) para outra negativada (prateleira da esquerda para quem entra). Embora essa negatificação seja parte de uma ideia de produção do corpo e dos movimentos, é negativada tanto numa ideia de “sujo” (terra) x “limpo” (ar), com a água fazendo uma transição justamente entre a água “irlandesa” para a água “fresca” brasileira. Mas isso não faz dela menos importante nessa gramática dos existentes da Van, já que eles produzem sentidos que dependem dessas potências e qualidades. Entre esses dois lados temos uma passagem liminar que é perigosa e tensa, mas fundamental para produzir o corpo: aqui a ideia da Van como uma produtora de corpos adequados (para além da ideia de uma paisagem menos hostil, mediada por existentes auxiliares na experiência de vida) é mais evidente com os alicates: eles cortam o excesso, produzem sangue, mas também produzem beleza.

Ar	Vapor	Água	Sangue	Terra
++	+	+ -	-	- -

Leve/Pesado : Limpo/Sujo : Puro/Contaminado : Claro/Escuro : Direita/Esquerda

Assim, vamos de um movimento que vai dos existentes evanescentes (água e vapor) positivados, para os existentes tectônicos (sangue e terra), mediados por um neutro (água). Ou ainda, daqueles seguros aos perigosos (com o alicate e a enxada como existentes perigosos). Mas essas são classificações que tratam mais de organização lógica de um universo de seres aliados na produção de uma vida menos hostil na Irlanda. Essa organização lógica pressupõe, portanto, que elementos perigosos são parte da existência, dos quais não se pretende apartá-los, assim como pressupõe elementos não perigosos que também não são inertes (a panela de pressão carrega seus perigos, assim como as substâncias que produzem os cheiros também são perigosas para alguns, especialmente alérgicos).

O interessante a notar aqui é que, frente à demanda dos coletivos brasileiros por essas tecnologias não consumíveis, a estratégia de distribuição deles na Van não assume um caráter aleatório: mesmo sem pensar nisso, Romário os dispõe segundo uma apreensão intuitiva de suas qualidades e características. O que devemos destacar é que como uma comutadora de corpos, a Van obedece também às elucubrações simbólicas que sustentam esses existentes-actantes-coisas. E veremos a seguir, pensando nas coisas consumíveis que estão ali na Van, que é possível relacioná-los com uma lógica semelhante.

2.3 Tecnologias consumíveis

Há uma gramática da memória construída com o leque de objetos da indústria alimentar brasileira. Isso tem pouca relação com a qualidade da oferta dos produtos e mais a ver com um sequestro das lembranças e memórias afetivas pelos produtos ultraindustrializados (temperos químicos, bolachas ultraprocessadas etc.). Ainda assim, esses itens fazem parte de uma paisagem de conforto alimentar, operando como instrumentos de alívio frente as agruras passadas durante a imigração, como uma espécie de válvula de escape, da qual a Van é um ícone para os imigrantes. Mas além disso, há outras coisas, evidentemente. O que se come e como se representa e apresenta o que se come também nos diz algo sobre os imigrantes.

Estamos aqui, ainda, falando dos produtos que Romário trazia no freezer da Van, na parte intermediária. Além de carnes e dos queijos, a única mercadoria que víamos ali eram os pacotes de mandioca cortada e congelada que ele comprava do importador brasileiro de Gort. Assim, o freezer continha carnes bovinas, linguiças de frango, pernil e carne bovina, peixes, queijos e mandioca. De certa forma, todos esses itens se encontram em ressonância simbólica com os elementos perigosos não comestíveis. Talvez ainda mais tectônicos, relativos aos mortos (carne), secreções corporais (queijo) e alimentos em

natura que vêm do fundo da terra (mandioca). O fato deles estarem na parte intermediária da Van, compondo uma espécie de reino ainda mais relativo ao submundo (fisicamente atrás da prateleira do fundo) nos permite imaginar essa parte como uma extensão destas prateleiras do fundo da Van. Como uma continuação simbólica daquilo que vimos estar ligado com a enxada e alicate de unha.

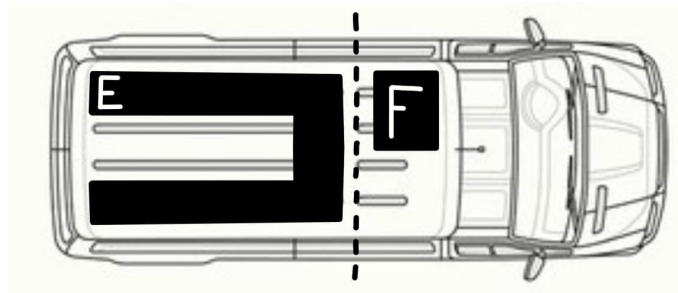


Figura 3. Visão superior da Van e suas divisões básicas.
Elaborado pelo autor.

Nesse desenho esquemático, temos uma visão superior da Van, com a linha tracejada marcando a separação entre a parte das estantes [E] (sendo a frente a traseira da Van). Vimos que a enxada fica na parte das estantes na esquina do fundo com a esquerda, indicando uma divisão direita/esquerda que acentua características aéreas (direita) e tectônicas (esquerda). A parte do freezer [F] seria, assim, uma continuidade ainda mais radical do universo tectônico, avançando a um submundo marcado pelo relacionamento com as carnes mortas, o leite extraído e a mandioca.

Os itens industrializados

Além do que já vimos, nas estantes estão os bens (coisas) industrializados que compõem essa paisagem de conforto alimentar aos imigrantes. Eles variam entre itens pouco ou nada processados até itens ultraprocessados. De uma forma esquemática temos os seguintes tipos de produtos:

- bens industrializados não processados em natura: feijão e farinhas, principalmente.
- bens industrializados semiprocessados: preparado para bolos, leite em pó, leite de coco, sucos concentrados, molhos de pimenta, paçoquinhas, café em pó, temperos não industriais.
- Bens industrializados ultraprocessados: batatas palha, temperos industriais, farinhas temperadas, bolachas variadas, doces variados, achocolatados.

Os bens não industrializados são encontráveis na Irlanda, mas não as variedades desejadas pelos brasileiros. Assim, o tipo de feijão não é o adequado para o tipo de cozimento brasileiro, por exemplo, assim como as farinhas não são semelhantes. No caso da farinha de mandioca, ela é praticamente inexistente, assim como a tapioca. As farinhas de milho em suas variações são vendidas na Irlanda, mas não tem o gosto que os brasileiros esperam. Já os demais bens mais processados são particulares do mercado brasileiro, com características específicas do paladar “brasileiro”.

O consumo de temperos industriais e os caldos de galinha é muito destacado, marcando uma forma brasileira contemporânea de cozinhar que passa pelos elementos dessa indústria alimentar. Produtos como os chocolates brasileiros (com pouco teor de cacau e muito açúcar) são muito valorizados, assim como as farinhas temperadas e ultraprocessadas. O café em pó brasileiro é um produto relevante, embora custe na Van mais caro que comprar grãos de café torrado em natura na Irlanda. Assim com um tipo específico de leite em pó é muito desejado, especialmente para fazer os doces que o levam na receita. Por outro lado, vendem-se também temperos em natura e temperos em natura mais processados (moídos e com conservantes).

E como esses bens estão distribuídos pelas estantes, se os relacionarmos com as tecnologias não comestíveis que examinamos anteriormente? Há uma relação atravessada por alguns deslocamentos. Na Van, os produtos em natura (farinhas e feijão) ficam nas prateleiras da direita, os produtos ultraprocessados ficam à esquerda. Na prateleira do fundo estão os produtos semiprocessados. De certa forma, eles perfazem um caminho que vai do mais natural ao menos natural (da direita para a esquerda), com cruzamentos que merecem nossa atenção.

Os temperos não ultraprocessados, aqueles que compramos em saquinhos no supermercado estão pendurados por trás dos produtos nas prateleiras à direita e à esquerda. Mas o que ficam à direita são os em natura (orégano em folhas, alecrim, louro em folha, por exemplo) e os que ficam à esquerda são os que estão em pó (cominho, pimenta do reino etc.). Ao mesmo tempo, os cafés estão na prateleira da esquerda, mais próximos à prateleira do fundo. Eles estão em pó e são muito escuros, parecidos com terra (assim como os achocolatados). De forma geral os atravessamentos da lógica dos mais naturais aos menos naturais são marcados por uma outra lógica que opera simultaneamente, que coloca os alimentos em pó mais escuros junto aos elementos tectônicos do lado esquerdo. Essa disposição dos itens comestíveis é simbolicamente equivalente aos itens não consumíveis e, de fato, seguem a mesma lógica:

Ar	Vapor	Água	Sangue	Terra
++	+	+ -	-	- -
Feijão	Farinhas	Leite em pó e outros semi-industrializados	Café e temperos “terrosos”	ultraprocessados

Leve/Pesado : Limpo/Sujo : Puro/contaminado : Claro/Escuro

Os consumíveis seguem a mesma lógica que vai do “limpo ao sujo” (natural ao menos natural), do claro para o escuro (alimentos em pó mais escuros), do “puro ao mais contaminado” (não processado ao mais processado). Apenas um deslocamento é relevante, mas ainda dentro da lógica. As coisas que são transicionais ocupam toda a prateleira do fundo e aquelas que inauguram uma realidade mais afeita ao sangue e terra (como os alicates de unha na outra série) ficam na prateleira da esquerda. Eles são deslocados para a esquerda, em relação à série dos não comestíveis. Mas seguem a mesma sequência. Vejamos o desenho abaixo:

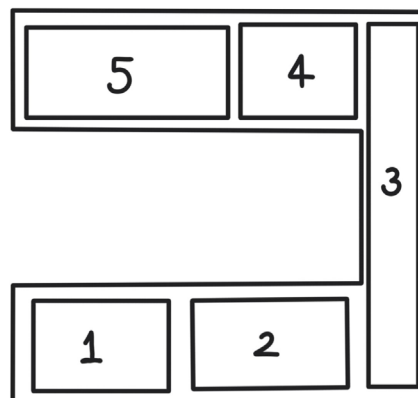


Figura 4 Disposição dos comestíveis na Van.
Elaborado pelo autor.

Considerando a prateleira à direita de quem entra na Van pela sua parte traseira, percebe-se que na série das coisas consumíveis temos em (1) e (2) farinhas e feijões, em (3) os alimentos semi-processados, em (4) semi-processados “terrosos” como os temperos em pó, café e achocolatados. Em (5) temos os ultraprocessados. Vemos que se percorre o mesmo caminho do mais puro ao menos puro, com um ligeiro deslocamento à esquerda para dar conta dos liminares “terrosos”, que guardam grande similaridade simbólica com a enxada (não é por menos que a cabela da enxada está atrás justamente dessas coisas).

3. O corpo e o mundo

Esses diferentes produtos ganham uma outra vida na experiência da migração e são coisas nesse sentido ingoldiano que as imagina como sustentadas por redes de relações e experiências variadas. Elas são existentes também, no sentido de Povinelli, pois são literalmente a expressão de uma forma de constituir vida para os imigrantes brasileiros. Na Van há determinadas injunções simbólicas que presidem a ordenação das coisas: como uma gramática de significantes, ela elabora um discurso simbólico sobre a vida em diáspora, indicando os instrumentos de conversão de uma experiência hostil no cenário da migração, na qual tudo é diferente e potencialmente perigoso ao corpo brasileiro. Esse simbolismo trata da constituição de um cenário/paisagem de comutação, de transformação e de proteção.

As coisas vendidas na Van são elementos para constituição do corpo brasileiro, constantemente ameaçado pela realidade estranha no espaço migratório. Elas constituem uma paisagem de conforto e de memória, por um lado, mas também de produção e defesa desse corpo ameaçado. Essa forma de produção expõe elementos que se distribuem em lugares diferentes, compondo um cenário complexo que atravessa o mundo, desde os aspectos mais aéreos e puros até os aspectos mais tectônicos e potencialmente perigosos. Lidar com a produção dessa paisagem de comutação exige lidar com todos esses potenciais que, juntos, concorrem para realizar a mágica de uma transformação constante entre o mundo hostil das coisas irlandesas (que muitas vezes não fazem sentido para os imigrantes) e o mundo reconstruído/remontado das vidas do imigrante brasileiro em suas casas na Irlanda.

Assim, a Van é uma espécie de agente transformador de uma realidade em outra, um instrumento relevante de proteção e comutação “correta”, de adaptação do corpo brasileiro à realidade diferente irlandesa. Da mesma forma que vemos no documentário de Bela Feldman-Bianco (1991), “Saudade”, sobre o qual Roberto DaMatta (DaMatta, 1992) teceu o seguinte comentário:

Com esse documentário, Bela Bianco mostra – e mostra magistralmente – vários processos que de um certo modo concorrem para que a imigração se transforme numa magnífica aventura. (...) Depois, porque descreve como a mudança de um sistema para outro implica uma multiplicidade de processos simultâneos, todos indicadores de ajustamentos recíprocos (DaMatta, 1992, p.227).

Como Feldman-Bianco demonstra em seu filme (e em vários textos), os imigrantes reconstroem em seus espaços íntimos, em suas casas, uma idealização meio romantizada

de sua terra natal. Na Irlanda, hoje em dia, um processo semelhante de criação de uma intimidade propriamente brasileira vem sendo construída com o auxílio da Van, como comutadores tanto práticos quanto simbólicos da realidade irlandesa para uma realidade brasileira possível na diáspora. Essa intimidade é construída com a preservação dos corpos brasileiros, defendidos das ameaças do mundo estrangeiro, com a reconstituição mágica e segura de corpos adequados ao que os brasileiros entendem como correto. A Van é um elemento vivo, uma coisa ingoldiana, que permite a constituição de um cenário de vida menos hostil: esse cenário é feito de muitas coisas-bens que auxiliam na travessia dessa “aventura magnífica”, retratada por Feldman-Bianco em seu filme.

Há outra coisa a se destacar, como forma de encerrar essa reflexão. A ordem que se estabelece entre as coisas aéreas e as coisas tectônicas e os correspondentes correlatos em outras divisões simbólicas (limpo x sujo etc.) tem algo de surpreendente. No conjunto geral da bibliografia os significados do lado esquerdo tendem sempre a ser relacionados com a mulher e com o lado relativo à natureza. A mulher sempre aparece mais próxima à natureza, o homem à cultura. Assim, o lado esquerdo, historicamente desvalorizado, em geral é atrelado às mulheres. Podemos lembrar do clássico texto de Hertz (2013), ou de leituras mais recentes destas oposições clássicas da história da antropologia (Brumana, 2014). O texto também clássico de Ortner avança numa reflexão crítica sobre essas oposições, por exemplo (Ortner, 2017). Há, inclusive, toda uma literatura feminista refletindo sobre esse tipo de oposição e suas distintas naturalizações opressivas.

Mas no nosso caso, nesse conjunto de coisas-actantes-existentes, temos justamente a lógica inversa: o lado direito, aéreo, limpo, é associado às mulheres e o lado tectônico (enxada, pós escuros, mini-churrasqueira) aos homens, numa inversão que deve nos fazer refletir. Essa lógica da práxis simbólica dos imigrantes na Van ganha uma conotação evidentemente feminina, como num discurso possível sobre a experiência migratória. Vimos em outros textos muito sobre a opressão das mulheres no conjunto das legislações de migração na Irlanda, indicando uma situação difícil e complicada para muitas imigrantes. Mas também que a própria migração pode ter ares de independência e mais igualdade para as mulheres.

O fato de que o conhecimento e a prática das compras ser um atributo muito mais feminino (em geral, mulheres fazem as compras, ou mandam as listas de compras para homens as realizarem) talvez explique a inversão simbólica que essa gramática das coisas da Van assumiu e como ela foi sendo construída. Ou seja, é pela ação das mulheres que essa lógica de distribuição das coisas se estabeleceu (não é uma ordem aleatória escolhida por Romário, mas é antes uma ordem intuída e seguida por ele). Essa gramática das coisas, essa paisagem de conforto que a Van produz com suas coisas, é também

um discurso que valoriza um olhar feminino sobre a migração e sobre as brasilidades atravessadas pela aventura migratória. Do jogo das opressões masculinas tradicionais no Brasil, onde a cozinha é um mundo de serviço não remunerado da mulher, nasce uma gramática corrosiva e crítica, nessa apropriação que as mulheres fazem de seu espaço na Irlanda, potencializando e valorizando os instrumentos mais manipulados pelas mulheres (panelas, filtros etc.) e desvalorizando os mais manipulados pelos homens. A gramática das coisas na Van apresenta uma lógica alternativa favorável a um olhar feminino.

Faz sentido que o trabalho masculino seja visto por uma ótica simbólica mais afeita ao profano, já que os homens têm em geral um trabalho manual e bruto, além do grande impacto do trabalho nos frigoríficos, que é francamente visto como sujo, perigoso e contaminador. Na Van, o trabalho e as atividades masculinas acabam sendo relacionados com o lado esquerdo e com o submundo do freezer. Mas as mulheres que trabalham fora de casa também operam trabalhos manuais, mas que ganham outra conotação, já que é esse trabalho principalmente o que limpa (faxinas) ou o que cuida (cuidadoras). De certo ponto de vista, o trabalho da mulher imigrante é mais valorizado e menos discriminado na própria lógica da coisas da Van.

Isso não quer dizer que a mulher imigrante trabalhe menos que os homens. Quando ela tem família, é justamente o contrário: ela trabalha mais, com a jornada dupla que vemos ser comum no Brasil (Hirata & Kergoat, 2007) se reproduzindo na Irlanda. Além de trabalharem, elas são em geral responsáveis pelo cuidado com a casa, filhos e marido. São responsáveis pela alimentação de todos. Mas no contexto da imigração, alguma transformação acontece, como vimos em outros contextos (Machado, 2009), e essas atividades antes simplesmente desprezadas no Brasil, como parte de uma obrigação natural das mulheres, no contexto irlandês ganham uma conotação diferente. Essa conotação está ligada, evidentemente, à ideia de paisagem de conforto e produção de corpos especificamente brasileiros. Assim, o que era apenas uma ação “natural” (cozinhar), na imigração ganha uma importância muito grande, já que é na alimentação principalmente que as paisagens de conforto e memória se constituem. Nesse sentido, a ordem simbólica da coisas na Van traduz essa importância do trabalho de cuidado das mulheres no papel de produzir uma brasilidade livre dos perigos e hostilidades de um ambiente estrangeiro. Não é por menos que os objetos mais caracteristicamente femininos ganham uma proeminência positiva na ordem da Van. Assim, ao menos simbolicamente, o trabalho das mulheres ganha uma outra conotação nessa experiência migratória.

Considerações finais

A Van é um artefato de conforto étnico, digamos. É um sinal de algo familiar e agradável em qualquer lugar que um brasileiro esteja. Como um negócio, compete com as várias lojas de produtos brasileiros que existem na Irlanda. O que vimos aqui é que a Van é mais que uma loja móvel, pois ela traz para onde estão os brasileiros essa espécie de “alívio do reconhecimento”, ou seja, um momento de descompressão da diferença, quando tudo o mais fora da Van é que é estranho e ali dentro reina a identificação.

As pessoas conhecem todos os produtos e coisas, que são, na verdade, códigos compartilhados nas mercadorias. A Van oferece, sem saber, um alívio psicológico para os imigrantes meio soterrados pela imensa diferença que têm que enfrentar cotidianamente. Assim, o negócio se sustenta numa cadeia de brasilidades que inclui os fornecedores dos bens, clientes, produtores em solo irlandês, redes de trabalhadores variadas e muito boca a boca. A Van é um dispositivo psicológico de alívio e de reconhecimento, compreensão e de afirmação de si. É por isso que funciona: as pessoas querem sentir algo, além de comprar. O que é comprado aparece mais como uma conexão com as histórias pessoais do que com iguarias únicas, vindas de muito longe.

A Van é também um dispositivo de memória de muitos brasileiros, reconectando coisas com suas histórias pessoais. Mas o negócio ultrapassa em muito a sua própria função inicial, de ser uma forma de sustento da família de Romário. O negócio vira uma gramática de similaridades e diferenças aos brasileiros que passam pela Van. A Van é o lugar das histórias e informações, é o lugar das diferenças sociais e é também o lugar das coisas que produzem atravessamentos entre as diferenças, num lampejo de similitude que se vê também apesar das diferenças evidentes entre os vários brasileiros clientes da Van: negros, brancos, ricos, pobres, homens, mulheres, LGBTQIAPN+, de regiões diferentes, com sotaques diferentes, com regimes de vistos diferentes, indocumentados, etc. A Van fornece, com suas coisas “vivas” a gramática para pensar essas diferenças e também esse universo de similaridades, a paisagem de comutação e defesa útil e importante para todos os tipos de brasileiros que por ali passam.

Referências

Appadurai, A. (1988). *The social life of things: Commodities in cultural perspective*. Cambridge University Press.

Bennett, J. (2010). *Vibrant matter: A political ecology of things*. Durham: Duke University Press.

- Brumana, F. G. (2014). *El lado oscuro: La polaridad "sagrado/profano" y sus avatares* [Vol. 2043]. Buenos Aires: Katz Editores.
- Costa, E. (2005). A confraria da esquina. O que os homens de verdade falam em torno de uma carne queimando: Etnografia de um churrasco de esquina no subúrbio carioca-RJ. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10, pp. 262–263.
- DaMatta, R. (1992). Resenha: Saudade (Nostalgia). Vídeo de Bela Feldman Bianco. *Revista de Antropologia*, 35, pp. 227–251.
- Ennes, M. A. (2020). Bourdieu and the 'migrant-body': Embodiment in the migratory context. *Revista Brasileira de Sociologia*, 8(19), pp. 26–58.
- Feldman-Bianco, B. (1991). *Saudade* [filme, 57 minutos]. Recuperado fevereiro 12, 2024, de <https://youtu.be/tNbqoZYmsoA>
- Healy, C. (2006). Carnaval do Galway: The Brazilian Community in Gort, 1999-2006. *Irish Migration Studies in Latin America*, 4(3), pp. 150–153.
- Henare, A., Holbraad, M., & Wastell, S. (2007). *Thinking through things: Theorising artefacts ethnographically*. London: Routledge.
- Hertz, R. (2013). The pre-eminence of the right hand: A study in religious polarity. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 3(2), pp. 335–357. Chicago: The University of Chicago Press.
- Hirata, H., & Kergoat, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de pesquisa*, 37, pp. 595–609.
- Ingold, T. (2007). *Lines: A brief history*. London: Routledge.
- ____ (2012). Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes antropológicos*, 18, pp. 25–44.
- Kloosterman, R. & Rath, J. (2001). Immigrant entrepreneurs in advanced economies: Mixed embeddedness further explored. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 27(2), pp. 189-201.
- Kopytoff, I. (1986). The cultural biography of things: Commoditization as process. *The social life of things: Commodities in cultural perspective*, 68, pp. 70–73. Cambridge.
- Light, I.; Bhachu, P. & S. Karageorgis, S. (1993). Immigrant Networks and Entrepreneurship. In I. Light & P. Bhachu (eds.), *Immigration and Entrepreneurship* (pp. 25-50). New Brunswick: Transaction Books.
- Machado, I. J. R. (2009). *Cárcere público: Processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. ICS.
- ____ (2011a). *Japonesidades Multiplicadas: Novos estudos sobre a presença japonesa no Brasil*. São Carlos: EdUFSCar.

____ (2011b). Consumo, etnicidade e migração entre imigrantes brasileiros em Portugal. *Temas de Antropología y Migración*, 1(2), pp. 120–131.

____ (2023a). Sobre a imaterialidade dos corpos imigrantes na Irlanda: Esboço de uma teoria a partir do caso dos brasileiros. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 31(67), pp. 233–248. Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios.

____ (2023b). Políticas desviantes ou como precarizar o trabalho imigrante disfarçadamente: O caso dos brasileiros na Irlanda. In *XIV RAM (Reunião de Antropologia do Mercosul)*, Niterói [Apresentação oral]. Recuperado de <https://www.ram2023.sinteseeventos.com.br/site/capa>

____ (2023c). *A memória como campo etnográfico: Antropologia ex post facto*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens.

Maher, G., & Cawley, M. (2015). Social Networks and Labour Market Access among Brazilian Migrants in Ireland. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 41(14), pp. 2336–2356.

____ (2016). Short-Term Labour Migration: Brazilian Migrants in Ireland. *Population, Space and Place*, 22(1), pp. 23–35.

Marrow, H. B. (2013). In Ireland “Latin Americans are kind of cool”: Evaluating a national context of reception with a transnational lens. *Ethnicities*, 13(5), pp. 645–666.

McGrath, B., & Murray, F. (2009). Brazilian migrants in Ireland: Emergent themes from research and practice on the significance of social networks and social capital. *Translocations: Migration and Social Change*, pp. 1–20.

Ortner, S. (2017). Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In I. Brandão; I. Cavalcanti; C. de Lima Costa & A. C. A. Lima (eds.), *Traduções da cultura: Perspectivas críticas feministas (1970-2010)* (pp. 91-123). Maceió: EDUFAL.

Portes, A. & Jensen, L. (1989). The Enclave and the Entrants: Patterns of Ethnic Enterprise in Miami Before and After Mariel. *American Sociological Review*, 54, pp. 929-949.

Povinelli, E. A. (2016). *Geontologies: A requiem to late liberalism*. Durham: Duke University Press.

Sahlins, M. (2003). *Cultura e Razão Prática: Dois paradigmas da teoria antropológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Schrover, M.; Van der Leun, J. & Quispel, C. (2007). Niches, Labour Market Segregation, Ethnicity and Gender. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 33(4), pp. 529-540.

Sheringham, O. (2009). Ethnic Identity and Integration among Brazilians in Gort, Ireland. *Irish Migration Studies in Latin America*, 7(1), pp. 93–105.

____ (2010). A transnational space? Transnational practices, place-based identity and the making of “home” among Brazilians in Gort, Ireland. *Portuguese Studies*, 26(1), pp. 60–78.

Silva, R. (2016). Imigrantes Goianas na Irlanda: Agências e Interpretações. *Revista Latino-americana de Geografia e Genero*, 7(2), pp. 54–75.

____ (2018). “Deus me trouxe pra cá”: Goianos na Irlanda, projeto emigratório e religião. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, 25(1 e 2), pp.158–177.

Turner, T. (2011). The body beyond the body: Social, material and spiritual dimensions of bodiliness. *A Companion to the Anthropology of the Body and Embodiment*, pp. 102–08. Wiley Online Library.

Vale de Almeida, M. (2004). O corpo na teoria antropológica. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 33, pp. 49–66.

Wagner, R. (1981). *The Invention of Culture*. Chicago: Chicago University Press.

Woolgar, S., & Latour, B. (1997). *A vida de laboratório*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Recebido em 18 de junho de 2024.

Aceito em 05 de agosto de 2024.

A gramática das coisas significantes para imigrantes brasileiros na Irlanda

Resumo

O artigo propõe uma análise das mercadorias brasileiras compradas por imigrantes brasileiros na Irlanda, defendendo a perspectiva de que o conjunto desses itens revela uma gramática de significados importante para entender a experiência de imigração. Essa gramática elabora questões de memória, de construção do corpo e de domesticação simbólica do ambiente hostil da imigração. O artigo foi construído a partir de trabalho de campo realizado na Irlanda no primeiro semestre de 2022 e teve como principal característica o acompanhamento sistemático de um vendedor de mercadorias brasileiras para os imigrantes.

Palavras-chave: Imigração Brasileira; Irlanda; Antropologia das coisas; Mercado étnico.

The grammar of meaningful things for Brazilian immigrants in Ireland

Abstract

The article proposes a comprehensive analysis of Brazilian products purchased by Brazilian immigrants in Ireland. It posits that these items hold crucial meanings that aid in understanding the immigrant experience. This study delves into the intricacies of memory, bodybuilding, and symbolic domestication in the challenging environment of immigration. The research, conducted through immersive fieldwork in Ireland in the first half of 2022, provided unique insights, particularly through the close observation of a Brazilian goods seller who catered to immigrants.

Keywords: Brazilian immigration; Ireland; Anthropology of things; Ethnic market.